

BREVE HISTORIOGRAFIA DOS ESTUDOS SEMIÓTICOS DA GESTUALIDADE NO BRASIL

BRIEF HISTORIOGRAPHY OF SEMIOTIC STUDIES OF GESTUALITY IN BRAZIL

Suelismar Mariano Florêncio¹
Rubens Rosa Júnior²
Sebastião Elias Milani³

Resumo: Neste trabalho é apresentada uma narrativa historiográfica sobre a recepção do conceito de gestualidade pela semiótica de linha francesa, no Brasil. O objetivo é compreender como se deu a periodização deste conceito no país considerando cada uma de suas manifestações sugeridas por Greimas e Courtés (1979) — *textos gestuais, sistema de signos e linguagem somática*. Apesar de ter sido um estudo inicial, os resultados apontam que pouco foi, até então, publicado a respeito do conceito de gestualidade, devido a fatores internos e externos, o que não impediu, contudo, seu reconhecimento em âmbito nacional como uma semiótica linguística competente para se manifestar enquanto texto. Isto evidencia, por sua vez, os diversos grupos de trabalho que tem sido desenvolvidos e ampliados em torno da temática, podendo resultar, não agora, mas, muito em breve, em um grupo de especialidade para o estudo do texto sinalizado a partir do escopo da semiótica de linha francesa.

Palavras-chave: gestualidade; semiótica; linguagem gestual; comunicação gestual; representação gestual.

Abstract: This work presents a historiographical narrative about the reception of the concept of gestuality by French semiotics in Brazil. The objective is to understand how the periodization of this concept took place in the country, considering each of its manifestations suggested by Greimas and Courtés (1979) — *gestural texts, sign system and somatic language*. Despite being an initial study, the results indicate that little has been published about the concept of gestuality, due to internal and external factors, which did not, however, prevent its recognition at the national level as a competent linguistic semiotics. to manifest as text. This evidence, in turn, the different working groups that have been developed and expanded around the theme, which may result, not now, but very soon, in a specialist group for the study of the signalled text from the scope of the French semiotics.

Keywords: gesture; semiotics; sign language; gestural communication; gestural representation.

¹ Mestrando no programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6554788235138337>. ORCID: 0000-0002-6409-454X. E-mail: suelismar.florencio@discente.ufg.br

² Mestrando no programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6554788235138337>. ORCID: 0000-0002-6409-454X. E-mail: suelismar.florencio@discente.ufg.br.

³ Professor titular da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Semiótica e Linguística pela Universidade de São Paulo. E-mail: sebas@ufg.br. ORCID: 0000-0001-9411-6028.

Introdução

O conceito de gestualidade foi introduzido da semiótica de linha francesa “progressivamente e de maneira incerta” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236), porém, isso não impediu o seu reconhecimento como uma semiótica linguística competente para se manifestar enquanto texto (Idem, p. 503-504), o que possibilitou o desenvolvimento de pesquisas — inclusive no Brasil — a respeito dos vários aspectos que, segundo Greimas (Idem, p. 236), ela pode assumir. Em um momento de retomada do interesse da teoria greimasiana pelo plano de expressão, pesquisas a respeito de uma semiótica da gestualidade podem, em muito, contribuir para a ampliação da compreensão das discussões em torno dos desafios colocados pela linguagem específica de cada texto (MOREIRA, 2016, p. 23).

Assim, pela perspectiva da Historiografia Linguística, pretendemos compreender, como foi a recepção do conceito de gestualidade no Brasil, como ele foi percebido pelos semioticistas daqui e de que maneira foi divulgado no país, além de inquirirmos se tais produções resultaram em novas práticas de pesquisa, por meio da análise das dimensões/parâmetros externos e internos (ALTMAN, 2019, p. 31), a exemplo do que fez Almeida (2010).

Para tanto, dividimos este trabalho em seis principais seções. Dada esta introdução, primeira parte, retomamos a literatura da Historiografia Linguística, além de recuperarmos como se deu a introdução do conceito de “gestualidade” na Semiótica greimasiana e as fases de seu desenvolvimento no escopo da teoria, a seguir. Na terceira parte, descrevemos nossas escolhas metodológicas, para, na quarta parte, apresentarmos os nossos resultados. Na quinta parte, analisamos o material documental que nos serviu de *corpus* de aplicação. Por fim, na última seção, concluímos com nossas considerações.

Pensamos que esta breve narrativa historiográfica pode contribuir para uma visão geral de como o conceito de gestualidade vem sendo investigado pelos semioticistas do Brasil, o que ajuda a delinear as práticas acadêmicas atualmente em voga e as eventuais lacunas que solicitam de nossa pesquisa *stricto sensu*, atualmente em desenvolvimento, maior aplicação.

A semiótica greimasiana e os estudos sobre a gestualidade

A semiótica de linha francesa, que tem Algirdas Julien Greimas como seu fundador, se desenvolve em torno do problema da significação. Greimas, ao propor a sua *Sémantique Structurale: recherche de méthode* (1966), visava "refletir acerca das condições pelas quais [fosse] possível um estudo científico da significação" (GREIMAS, 1973, p. 14) em um modelo teórico gerativo, à medida que concebia "o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto", sintagmático "porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos", e geral "porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação" (FIORIN, 1999, p. 180). Assim, Greimas, compreendendo o texto como resultado da semiose (cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 447-448) entre um plano de expressão e um plano de conteúdo, postula que

O conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, uma vez que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão (por exemplo, uma negativa pode ser manifestada pela palavra não ou por um gesto da cabeça ou do indicador). É, por conseguinte, uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, *visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal etc.* (FIORIN, 1999, p. 180, destaque nosso).

Essa tomada de decisão de deixar para um segundo momento a análise do plano de expressão, em prol de uma análise imanente do texto (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 300) — consequência direta do pensamento Hjelmsleviano a respeito da forma semiótica e fundamento epistemológico da autonomia da Semântica (Idem, p. 96) — não deixou de trazer grandes consequências para o estudo das condições semióticas da "gestualidade".

Os primeiros estudos das línguas de sinais pela semiótica de linha francesa claudicaram. A dificuldade em se pensar a gestualidade enquanto sistema de signos estava na impossibilidade em constituir uma fonologia visual e, portanto, um plano de expressão que fosse autônomo. Assim, os primeiros analistas viram-se obrigados a aceitar o discurso gestual, segundo a terminologia de Hjelmslev, como um sistema simbólico e não linguístico. Entretanto, isto não impediu que a gestualidade, dentro da teoria semiótica, fosse entendida enquanto discurso gestual que pode se realizar de dois tipos: "gestualidade de comunicação direta" e "gestualidade de transposição" (GREIMAS, 1979, p. 40-43).

O primeiro tipo, a gestualidade de comunicação direta, está mais ligado às línguas de sinais que, até então, tinham seu estatuto de línguas naturais ainda por ser reconhecido. Tal gestualidade seria realizada por uma semiótica própria da relação entre significante e significado e poderia ainda ser distinguida entre “gestualidade atributiva” ou “gestualidade lúdica”, a depender de sua função ser a de formar novos enunciados ou modular enunciados já existentes (GREIMAS, 1979, p. 40). O segundo tipo de gestualidade, o de transposição, tem relação com os gestos que acompanham a comunicação verbal, e, portanto, o seu uso está mais destinado a ser suporte da comunicação entre ouvintes, prioritariamente.

Vejamus que a história do conceito de gestualidade na semiótica acompanha os cinco grandes momentos pelos quais passou a disciplina, conforme podemos conferir, de maneira concisa, abaixo:

1ª FASE — A obra *Sémantique Structurale: recherche de méthode* é publicada em 1966, estabelecendo dos primeiros pressupostos da teoria que, neste momento, vai se voltar para o estudo o plano de conteúdo e o seu percurso gerativo de sentido. O foco principal será “os simulacros da ação do homem no mundo presentes nas narrativas” (FIORIN, 1999, p. 191). O capítulo quinto desta obra, intitulado *Le niveau semiologie* traz importantes considerações sobre o conceito de “linguagem gestual”, preparando terreno para uma segunda publicação também importante desta fase, *Du sens* (1970), cujo capítulo *Conditions d'une sémiotique du monde naturel* propõe que a “gestualidade” seja concebida como uma dimensão semiótica da cultura. Nesta mesma época, uma edição nº 10 da revista *Langages* (1968), organizada em conjunto por Greimas e seus discípulos denominada *Pratiques et langages gestuels*, além de retomar o artigo *Conditions d'une sémiotique du monde naturel* (1968), aborda vários pontos concernentes à “gestualidade” em suas múltiplas manifestações, consagrando-se como a primeira publicação voltada especificamente para o tema.

2ª FASE — A semiótica passa a se interessar pelas modalizações do sujeito que age, questionando-se sobre o que o motiva a realizar transformações. A obra que mais desponta deste período é o artigo *Pour une théorie des modalités* (1976) publicado na revista *Langages*, nº 43. Porém, será o *Sémiotique: Dictionnaire*

raisonné de la théorie du langage (1979) que, pela primeira vez, trará a definição do termo “gestualidade”, apresentando-a sob três aspectos diferentes: a gestualidade como um “sistema de signos”, como “textos gestuais” e como uma “linguagem somática”. Esta é a definição que norteia as escolhas metodológicas deste trabalho.

3ª FASE — A teoria, até então voltada para as questões da narratividade, passa a se preocupar com os estados de alma, ou seja, as modalizações do ser. Logo após a publicação de *Du sens II: essais sémiotiques* (1980), obra de destaque desta fase, Greimas escreve o artigo *Sémiotique figurative et sémiotique plastique* (1984), cuja intenção era ser uma introdução aos estudos semissimbólicos de Jean-Marie Floch, e que traz em sua estrutura considerações a respeito da gestualidade natural e das línguas de sinais. Por sua vez, Floch em seu *Petites Mythologies de l'œil et de l'esprit: Pour une sémiotique plastique* (1985) apresentará, já em seu primeiro capítulo, as dificuldades inerentes à análise semiótica do texto gestual.

4ª FASE — Fase em que se estudará as paixões, aspecto em crescente interesse desde a fase anterior, enquanto arranjo de modalidades que alteram o sujeito de estado. A publicação, em 1991, de *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme* por J. Fontanille e A. J. Greimas confirma a tendência, cada vez mais evidente, da teoria em destacar o papel do corpo em movimento.

5ª FASE — A atual fase da semiótica, que não conta com a presença congregadora de Greimas devido a sua morte em 1992, é caracterizada pela maturidade dos estudos quanto ao plano de conteúdo o que possibilita o “exame do além e do aquém do percurso” gerativo do sentido (FIORIN, 1999, p. 201) e o reexame dos próprios princípios metodológicos da disciplina. Apesar da proliferação de diversas vertentes teóricas, uma das características mais importantes deste momento é a retomada do interesse pelas especificidades advindas da expressão, como, por exemplo, a homologação da gestualidade às demais linguagens (SANTOS; MOREIRA, 2018, pp. 242-267).

Portanto, nota-se que o conceito de gestualidade esteve presente desde o discurso fundador da semiótica até os seus mais recentes desdobramentos, apesar de, muitas vezes, de maneira incerta e não definitiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236). Resta-nos compreender como foi a sua recepção e desenvolvimento no Brasil.

Metodologia

Considerando seu ainda pouco desenvolvimento [como constataremos abaixo] e a necessidade de entender com mais profundidade como se deu a periodização dos estudos greimasianos sobre a gestualidade no Brasil, esta análise documental opta por uma abordagem qualitativa de propósito exploratório com o interesse de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e utilizando-o como base para construir hipóteses a serem respondidas em nossa pesquisa *stricto sensu* que vem sendo desenvolvida.

Seleção de dados

Com o objetivo de compreender qual a recepção, periodização e disseminação do conceito de gestualidade no Brasil, optamos por selecionar como materiais de análise Traduções, Artigos de Periódicos, Teses e Dissertações, além de Livros/Capítulos de livros de obras brasileiras cujo conteúdo fosse voltado para a semiótica de linha francesa.

Os Artigos de Periódicos foram selecionados a partir da busca no portal Periódicos da CAPES. No que concerne à produção científica de Programas de Pós-Graduação, realizamos a busca no portal Catálogo de Teses e Dissertações CAPES⁴. As buscas foram realizadas durante o mês de julho de 2022, considerando as palavras-chave "gestualidade" AND "semiótica" NOT "Peirce", filtrando por tipo de recurso (artigos, dissertações ou teses) e retirando da busca os resultados encontrados em coleções de países específicos (SciELO Colombia, SciELO Chile, SciELO Argentina, SciELO México), e ainda excluindo revistas de países outros da América Latina (*Nueva Revista De Filología Hispanica*, *Revista De Filología Y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*).

⁴ As buscas podem ser retomadas respectivamente em <https://capes-primo.ez1.periodicos.capes.gov.br> e <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>.

Como critério de exclusão, utilizamos o local de publicação, visto que nosso interesse está para os estudos publicados em território nacional, e depois, a língua, considerando haver obras em língua portuguesa, não publicados no Brasil, mas com ampla distribuição no país.

A busca por outra das nossas fontes, os Livros ou Capítulos de Livros traduzidos e/ou publicados em âmbito nacional, foi realizada a partir do catálogo digital do sistema de bibliotecas da Universidade de São Paulo denominado *Dedalus* – Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP – SIBiUSP. A escolha por este acervo de justifica por esta universidade ser o principal polo disseminador da teoria semiótica no país, atualmente.

Tomamos como horizonte de retrospectiva em nossa narrativa historiográfica o recorte temporal compreendido entre os anos de 1975-2022, certos de que, em linha com Almeida (2010, p. 5), apesar de parecer que “o período selecionado seja muito curto e muito “novo’ para ser historiografado”, necessário é

Lembrar que não é preciso esperar 200 anos para que as proposições e os textos [...] sejam lidos pelo historiógrafo, e incluídos na sua reflexão sobre história do(s) objeto(s) e do(s) método(s) linguísticos. Os jovens pesquisadores do grupo de historiografia também precisam [...] não perder de vista a perspectiva contemporânea do(s) objeto(s) da sua reflexão (ALTMAN, 2001, p.4 *apud* BATISTA, 2007, p. 65).

A escolha do ano de 1975 se dá por ter sido o ano de publicação no Brasil da obra “Sobre o sentido”, de Algirdas Julian Greimas, na qual, o capítulo “Condições para uma semiótica do mundo natural” assume estatuto de primeira publicação no Brasil a respeito do estudo semiótico de linha francesa da gestualidade.

Análise de dados

Nosso interesse primeiro foi buscar por fontes consideradas seminais, ou seja, textos/livros que tratam sobre a gestualidade no Brasil. A seguir, direcionamo-nos para publicações brasileiras que, de alguma maneira, desenvolveram o conceito em apreciação de acordo com a entrada gestualidade no “Dicionário de semiótica”, conforme destacamos a seguir:

Alguns estudiosos quiseram tratar a gestualidade como uma linguagem, aplicando-lhe a fórmula saussuriana de "**sistema de signos**" [...] Um outro enfoque da gestualidade consiste em partir não mais dos gestos considerados como signos, mas de **textos gestuais** (danças folclóricas, balés, números de acrobacia, pantomima etc.). [...] [no entanto] a

gestualidade não se limita mais aos gestos das mãos e dos braços ou à expressão do rosto, mas faz parte integrante do comportamento somático do homem e não constitui, enfim, senão um dos aspectos do que se poderia chamar sua **linguagem somática**. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 236–237, grifos nossos)

Resultados

Assim, o quadro abaixo mostra quais foram as Traduções consideradas para este trabalho:

Quadro 1 – Traduções de textos que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano do original	Autor	Título original	Ano de tradução	Título em português	Tradutor	Tipo
1966	Algirdas Julien Greimas	<i>Semântica estrutural</i>	1973	Semântica estrutural	Hakira Osakabe; Izidoro Blikstein	Livro
1970	Algirdas Julien Greimas	<i>Du Sens</i>	1975	Sobre o sentido	Ana Cristina Cruz César	Livro
1968	Algirdas Julien Greimas	<i>Langages: pratiques et langages gestuels</i>	1979	Práticas e linguagens gestuais ⁵	Manuela Torres	Livro
1984	Algirdas Julien Greimas	<i>Sémiotique figurative et sémiotique plastique</i>	1984	Semiótica figurativa e semiótica plástica	Ignacio Assis da Silva	Artigo na revista <i>Significação</i>
1986	Algirdas Julien Greimas; Joseph Courtés	<i>Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie</i>	1986	Dicionário de Semiótica	Vários tradutores	Capítulo de livro
1987	Algirdas Julien Greimas	<i>De l'Imperfection</i>	2002	Da imperfeição	Ana Cláudia de Oliveira	Livro
2004	Jacques Fontanille	<i>La sémiotique du corps : entre psychanalyse, phénoménologie et Anthropologie</i>	2004	A semiótica do corpo: entre psicanálise, fenomenologia e antropologia	Vários tradutores	Capítulo de Livro
2011	Jacques Fontanille	<i>Corps et sens</i>	2016	Corpo e sentido	Fernanda Massi; Adail	Livro

⁵ Resultado de um número da Revista *Langages* (nº 10, juin 1968), esta obra não foi publicada no Brasil, mas em Portugal (Lisboa: Editorial Veja). Entretanto, resolvemos incluí-la nesta relação por ter sido publicada em idioma português e ainda porque suas edições tiveram ampla distribuição dentro da comunidade acadêmica que se interessa por semiótica francesa.

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 9).

No que diz respeito aos artigos, foram selecionadas, sem levar em consideração o “fator de impacto”⁶ de seus periódicos, 17 publicações. O quadro abaixo mostra quais são elas:

Quadro 2 – Artigos selecionados que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Periódico	Ano	Volume/nº	Autor	Título
Revista eletrônica dos Hispanistas do Brasil	2001	2/7	Suely Reis Pinheiro	“Carlitos: o gestual no neopícaro”
Alfa	2004	48/2	Loredana Limoli	“Figurativização do espaço em ‘O búfalo’, de Clarice Lispector”
Alfa	2009	53/2	José Roberto do Carmo Júnior	“A enunciação musical em duas interpretações de um prelúdio de Chopin”
Comunicação, Mídia e Consumo	2009	6/17	Ana Claudia de Oliveira; Cintia San Martin Fernandes e outros	“A construção do corpo feminino na mídia semanal”
Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda	2010	48/3	Ruben Dargã Holdorf	“O sentido das mãos no futebol: figuratividade política e social”
Cadernos de Semiótica Aplicada	2011	8/2	Diana Luz Pessoa de Barros	“Os Sentidos da Gestualidade: Transposição E Representação Gestual”
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	2011	4/1	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	“A dança em cena: do palco à tela do computador: uma análise semiótica”
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	2014	7/1	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	“O semissymbolismo na dança”
Estudos Semióticos	2017	13/2	Ivan Darrault-Harris	“A psicosemiótica: um desejo inalcançável de Greimas”
Estudos Semióticos	2018	14/1	Norma Discini	“O estilo e o ator da enunciação: Greimas na contemporaneidade”
Estudos Semióticos	2019	48/3	Daniel Carmona Leite	“Protagonismo juvenil e práticas semióticas: exame de algumas propostas”

⁶ Fator de impacto é um método bibliométrico para avaliar a importância de periódicos científicos em suas respectivas áreas, criado por Eugene Garfield e utilizado atualmente pela maioria das bases e repositórios de dados acadêmicos (MARZIALE; MENDES, 2002, p. 5 passim).

Revista Vórtex	2019	7/1	Caio Victor de Oliveira Lemos	“Performance musical como discurso: Proposta de análise”
Estudos Semióticos	2019	15/1	Gustavo Bonin	“Modos de contato na música cênica contemporânea”
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	2020	76/1	Gustavo Bonin	“Obras brasileiras de música cênica contemporânea”
Estudos Semióticos	2020	16/2	Gustavo Bonin	“Gradação tensiva na música cênica contemporânea: estilos e pontos de vista”
Revista Humanidades & Inovação	2021	8/37	Andréa dos Guimarães de Carvalho; Thiago Barbosa Soares	“Poesias e discursos em LIBRAS: reflexões sobre definições, critérios e descrições linguísticas a luz da semiótica em interface com a análise do discurso”
Revista criação & crítica	2022	31/31	William Teixeira; Juliana Araújo Gomes e outros	“Subindo o Morro Velho: notas para preparação de uma performance”

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 6-9).

Quanto a produção científica de Programas de Pós-Graduação no país, foram selecionadas 5 dissertações de Mestrado e 6 teses de Doutorado, que são apresentados nos quadros abaixo:

Quadro 3 – Dissertações de Mestrado que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano	Autor	Título	Orientador	Local
1987	Luiz Gonzaga Marchezan	Aspectos da festa: considerações sobre o sentido da festa do Kuarup e do carnaval	Dante Tringali	UNESP
1992	Denise Abdulmassih Gorab Leme	Semiótica do gesto	-	PUC-SP
2004	Mariana de Rosa Trotta	O discurso da dança: uma perspectiva semiótica	Diana Luz Pessoa de Barros	USP
2009	Rosane Schmitz Fernandes	Revista O Cruzeiro: Alceu Penna e os figurinos de moda	Ana Claudia Mei Alves de Oliveira	PUC-SP
2011	Alpha Condeixa Simonetti	Palavra dramática: voz e tensividade	Luiz Augusto de Moraes Tatit	USP

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 10).

Quadro 4 – Teses de Doutorado que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano	Autor	Título	Orientador	Local
2003	Pierre Normando Gomes-da-Silva	O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da	Katia Brandão Cavalcanti	UFRN

corporeidade				
2006	Marlene Ramires Francois	Ciranda de arte: leitura de textos/obras tridimensionais da artista Katsuko Nakano	Analice Dutra Pillar	UFRGS
2007	Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza	Imagem e texto : uma experiência de leitura e produção de texto com alunos do ensino médio	Loredana Limoli	UEL
2016	Alpha Condeixa Simonetti	Distâncias e vínculos: a linguagem gestual no teatro do grupo Lume segundo uma abordagem semiótica	Waldir Beividas	USP
2016	Renata Lúcia Moreira	Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo	Diana Luz Pessoa de Barros	USP
2020	Alexandre Provin Sbabo	Um percurso diacrônico sobre as articulações entre ética e estética na semiótica de A. J. Greimas	Ana Claudia Mei Alves de Oliveira	PUC-SP

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 11).

Os Livros ou Capítulos de Livros publicados em âmbito nacional recuperados foram relacionados a partir das seguintes obras:

Quadro 5 – Publicações nacionais que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano do Publicação	Autor	Título em português	Tipo
1998	Luiz Tatit	Manifestação das categorias temporais	Capítulo de Livro
2000	Dino Del Pino	Semiótica: olhares	Livro
2017	Evani de Carvalho Viotti	Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação	Livro
2018	Carlos Vinicius Veneziani dos Santos e Renata Lúcia Moreira	O papel do gesto na construção do plano da expressão da performance musical da canção “Intimidade”, de Zélia Duncan e Christiaan Oyens	Capítulo de Livro
2019	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	Nos Passos da Semiótica: Um Diálogo Entre a Dança e a Escola de Paris	Livro
2020	Mônica Fagundes Dantas	Dança, o Enigma do Movimento	Livro

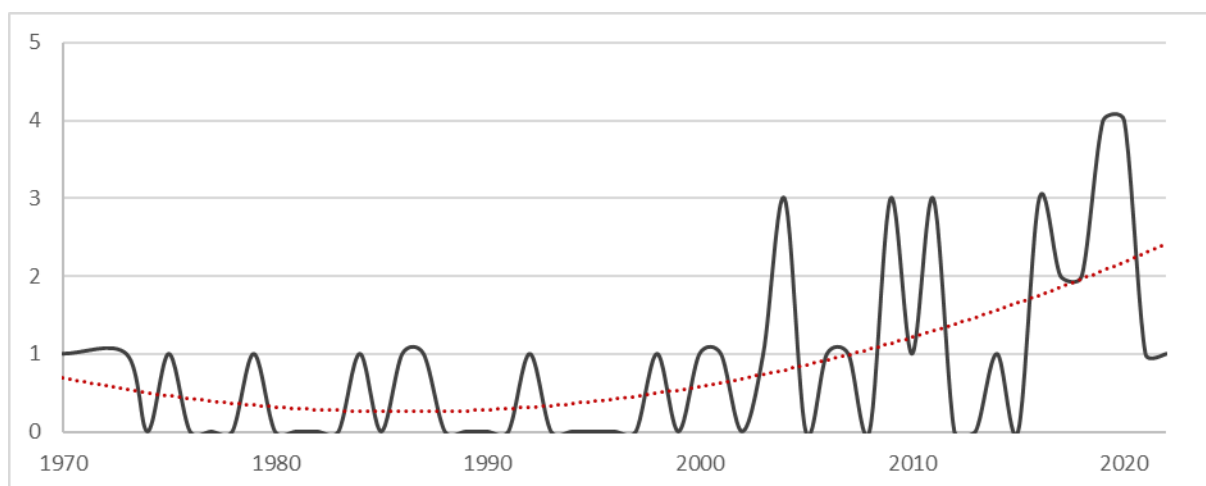
Fonte: Elaboração dos autores (2022)

A seguir, discutiremos a respeito do material apresentado acima, considerando os parâmetros de dimensão interna e externa, conforme delineamos acima.

Estudos semióticos sobre a gestualidade no Brasil

O material apresentado, anteriormente, indica que, no Brasil, após as primeiras publicações relacionadas ao conceito em apreço, datadas de meados dos anos 1970-80, pouco se produziu nos anos subsequentes. Entretanto, isso parece mudar após os anos 2000, como demonstra o gráfico abaixo:

Figura 1. Periodicidade de publicações sobre a gestualidade no âmbito da semiótica francesa no Brasil



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Alguns fatores concorrem para esta crescente que revelam, talvez, uma mudança de perspectiva. Vejamos.

Dimensões/parâmetros externos

Um primeiro fator que contribui diretamente para o aumento de periodização observado é a imensa midiatização presente na sociedade do século XXI, consequência direta da globalização, que “materializa’ textos por meio de diferentes expressões e substâncias, o que acaba por atrair ainda mais atenção para a compreensão e estruturação do plano da expressão” (CASTRO; PORTELA, 2018, p. 2).

Entretanto, o que mais parece ser relevante é o fato de que, durante boa parte do século XX, o caráter linguístico da linguagem gestual ter sido amplamente questionado.

A dificuldade estava "na *aparente* impossibilidade de segmentação do texto gestual em sintagmas que carregam significação" (FLOCH, 1985, p. 25, tradução nossa). Não somente no âmbito da semiótica, isso trouxe consequências. Como exemplo, podemos citar o reconhecimento do estatuto de língua natural das línguas de sinais de que tardou quase todo o século passado e só ocorreu a partir das pesquisas de Stokoe (1960), mas que, no Brasil, só teve aparato legal a partir da Lei 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão no país. Demoras, como essa, retardaram as pesquisas de cunho semiótico a respeito da língua de sinais — e da gestualidade, como um todo — e a consequente elaboração de periódicos ou eventos especializados em "semiótica da gestualidade", e, portanto, a sua institucionalização, um dos fatores cruciais para sua ampla distribuição no país.

Dimensões/parâmetros internos

Por outro lado, o estudo da "gestualidade", apesar de presente dentro da teoria semiótica greimasiana, claudicou desde os seus primórdios (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236) e "*aparenta* estar, já há algum tempo, 'em pane'" (ZILBERBERG, 2006, p. 197). Isso revela a importância da escolha metodológica realizada por Greimas de concentrar-se, em primeiro momento, no desenvolvimento da metodologia geral do plano do conteúdo. Passada a época marcada pelas contribuições de Algirdas Julien Greimas juntamente com os semioticistas que mais se interessaram pelo visual, nomeadamente Felix Thürlemann e Jean-Marie Floch, cuja obra, aliás, foi pouco traduzida para o português, os estudos relacionados ao plano de expressão praticamente desapareceram, para serem retomados somente após a morte de Greimas em 1993.

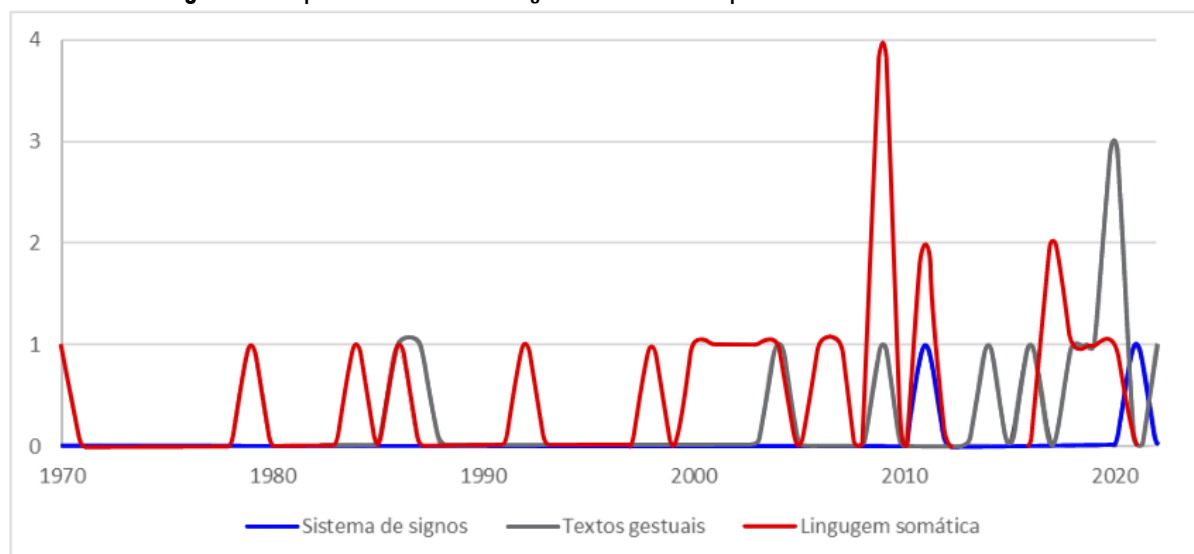
Antes deste período, do que foi traduzido para a língua portuguesa, destaca-se a obra resultante da edição nº 10 da revista *Langages* (1968), publicada em Portugal, conforme indicamos acima (vide nota 2), com o título "Práticas e linguagens gestuais" (1979) e que se constitui como uma organização de uma série de artigos que versam sobre o tema. Entre estes artigos está o de Julia Kristeva (1979, p. 70) que retoma como o pensamento grego deu primazia ao som como cúmplice da ideia e, portanto, como modo superior de se fazer literatura, filosofia e ciência (atividades próprias da inteligência), em detrimento da gestualidade, vista como "mecânica e redundante em relação a voz". Segundo a autora, este pressuposto só foi alterado a partir dos estudos

sobre o sistema de trocas de Karl Marx. A autora parte daí para realizar um levantamento bibliográfico dos estudos linguísticos que até ao seu tempo trataram do comportamento corporal como código particular, que acabaram por resultar na quinésica americana, representada por autores como Blomfield, Sapir e Birdwhistell, entre outros. O estudo de Kristeva tem relevância por ser o primeiro da escola semiótica de linha francesa a ponderar a respeito dos estudos de Stokoe sobre as línguas de sinais, pesquisas estas basilares da atual linguística das línguas de sinais conforme a conhecemos. Para Kristeva, é preciso “axiomatizar a gestualidade enquanto texto semiótico em processo de produção” para que se possa compreender a sua elaboração (KRISTEVA, p. 86-92), ponto importante para os interesses de nossa pesquisa atual.

Entendemos que essa escolha inicial de se priorizar o plano de conteúdo tem uma importância dentro do quadro geral do conceito de “gestualidade” na teoria semiótica. Ela foi necessária para que o projeto teórico de Greimas aprendesse, sob a inspiração de Hjelmslev, a lidar com unidades — categorias sêmicas e fêmicas — menores que os signos. Dependentes de um ou de outro plano da linguagem, mas não dos dois ao mesmo tempo, como no caso dos signos saussurianos, tais unidades não corresponderiam mais, portanto, à Semiologia de Saussure, o que acaba por se tornar fundamental para a Semântica pretendida por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 96). Porém, por outro lado, determinou-se, assim, certamente, as publicações no Brasil a respeito da gestualidade.

A semiótica greimasiana da gestualidade no Brasil atualmente

Ainda podemos perceber no material apresentado que a literatura sobre estudos semióticos a respeito da gestualidade no Brasil, na atualidade, pode ser dividida em três grupos diferentes, em consonância com os três aspectos pontuados por Greimas e Courtés no Dicionário (2008, p. 236-237): a gestualidade como um sistema de signos — tal como as línguas de sinais, por exemplo —, como textos gestuais — no que se refere a sua manifestação em espetáculos de caráter cênico — e como uma linguagem somática — definida como a “substância gestual” que é o corpo como “volume em movimento”, em suma, a gesticulação cotidiana. Estes dados são demonstrados no gráfico abaixo:

Figura 2. Grupos de estudos sobre a gestualidade no escopo da semiótica de linha francesa.

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Assim, nota-se a preferência dos estudos semióticos pela linguagem somática e pelos textos gestuais, em detrimento de pesquisas dos processos gestuais enquanto sistema de signos, o que pode ser sintoma de uma carência de investigação nesta área. Entretanto, esforços têm sido empenhados nesse sentido. Após a morte de Greimas, pode-se destacar, do pouco desenvolvido até o momento a respeito da gestualidade enquanto sistema de signos, em língua portuguesa, o trabalho de da autora brasileira Renata Lúcia Moreira, tese de doutoramento denominada “Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo” (2016). Este trabalho colocou em evidência os aspectos semióticos relacionados ao discurso em língua brasileira de sinais, apesar de não ter abordado, especificamente, a respeito dos constituintes do plano de expressão, fator que consideramos crucial para que se apreenda as especificidades da produção de sentido nesta língua.

Considerações finais

Os estudos a respeito da comunicação gestual parecem ter tido seu lugar de cogitação no âmbito da semiótica de linha francesa, desde os primórdios de seu projeto teórico, entretanto, nota-se que no Brasil pouco foi até então publicado a respeito, devido a fatores internos à teoria, tal como a escolha por manter entre parênteses a linguagem específica de cada texto, e externos, relacionados ao reconhecimento da gestualidade no âmbito da Linguística.

Aos pesquisadores da semiótica de linha francesa no Brasil, este trabalho contribui no sentido de indicar um campo de estudo que solicita, já há algum tempo, maior atenção e desenvolvimento. Com a recente retomada dos estudos semióticos voltados às preocupações com a homologação entre plano de expressão e plano de conteúdo, para centrar-se no denominado percurso gerativo do sentido deste último, tomando como base principalmente a análise de textos da modalidade verbo-visual, acreditamos, em linha com (LOPES; SOUZA, 2019), que o foco em elementos de expressão inerentes à constituição da significação, tais como a gestualidade, pode ser, enfim, priorizado, como já vem ocorrendo com pesquisas relacionadas à dança, teatro, da gesticulação cotidiana, e, mesmo que em menos frequência, das línguas sinalizadas, o que acaba por se constituir como sugestão de prioridade em nossa pesquisa *stricto sensu*, atualmente em desenvolvimento.

No que diz respeito às contribuições práticas, consideramos que o avanço semiótico do conceito da gestualidade pode contribuir com diferentes públicos e segmentos da sociedade (grupos artísticos ligados à dança, teatro e à música, à comunidade surda, ao meio corporativo, e aos professores e à educação). Isso porque, ampliando a compreensão global da significação inerente aos processos gestuais presentes em suas diferentes atividades cotidianas (espetáculos e apresentações cênicas, comunicação sinalizada, gestão de pessoas, didática, para citar algumas delas) é possível deles tirar maior aproveitamento.

Nosso esforço em considerar a periodização dos estudos semióticos da gestualidade em âmbito nacional acaba por constituir uma certa limitação deste trabalho visto que, apesar do Brasil ser um importante polo dos estudos greimasianos, o centro produtor da teoria continua localizado na França, o que justifica o fato de muito do desenvolvimento do conceito em análise poder estar por lá mais bem desenvolvido do que no Brasil. Portanto, a pesquisa atual não responde o atual desenvolvimento do conceito de gestualidade no âmbito geral da teoria semiótica, análise que solicita ainda mais leituras, além de maior tempo e espaço, em pesquisa futura. Outro ponto de interesse para pesquisas no porvir é a especificidade do estatuto semiótico de cada manifestação da gestualidade (sistema de signos, linguagem somática e textos gestuais) parece ainda pouco desenvolvida, podendo ainda ser ampliada, revisada e desenvolvida.

Referências

ALMEIDA, Dayane Celestino de. **A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil**: breve estudo historiográfico. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 7, n. 2, 2010.

ALTMAN, Cristina. A ciência, a história da ciência e o seu ensino. **Confluência**, p. 233–257, jun. 2021.

BASTOS, Neusa Barbosa. O fazer historiográfico: dimensões/ parâmetros externos e internos. In: BATISTA, R. DE O.; BASTOS, N. B.(Org.). **Questões em historiografia da linguística [recurso eletrônico]**: homenagem a Cristina Altman. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 97–116.

BATISTA, Ronaldo Oliveira. **A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983)**: um estudo historiográfico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

COELHO, Olga *et al.* Historiografia linguística. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Org.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 381–407.

COELHO, Olga; NÓBREGA, Rogério Ferreira de *et al.* A Técnica de Mapeamento de Produção Linguística: Exemplificação em um Estudo de Caso. In: COELHO, Olga (Org.). **Fontes para a Historiografia Linguística**: Caminhos para a Pesquisa Documental. Campinas: Pontes, 2021. p. 13–28.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 1, 1999.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites Mythologies d’oil et de l’spirit**: pour une sémiotique plastique. Paris: Actes Semiotiques, 1985.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens II**: Essais Sémiotiques. Paris: Seuil, 1980.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale**: recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. **Actes Sémiotiques**, v. 6, n. 60, p. 1–24, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique des passions**: des états de choses aux états d’âme. Paris: Seuil, 1991.

GREIMAS, Algirdas Julien; KRISTEVA, Julia *et al* (dir.). Pratiques et langages gestuels. **Langages**, v. 3, n. 10, 1968.

GREIMAS, Algirdas Julien; KRISTEVA, Julia *et al* (dir.). **Práticas e linguagens gestuais**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Vega, 1979.

KOENER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, v. 2, p. 45-70, 1996.

LOPES, Ivã Carlos; SOUZA, Paula Martins de. **Estudos Semióticos do plano da expressão**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

MILANI, Sebastião Elias. **Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure**. Goiânia: Kelps, 2011.

MARZIALE, Maria Helena Palucci; MENDES, Isabel Amélia Costa. O fator de impacto das publicações científicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n. 4, 2002.

MOREIRA, Renata Lúcia. **Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo**. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, Carlos Vinicius Veneziani dos; MOREIRA, Renata Lúcia. O papel do gesto na construção do plano da expressão da performance musical da canção “Intimidade”, de Zélia Duncan e Christiaan Oyen. *In*: LOPES, I. C.; SOUZA, P. M. DE (Org.). **Estudos semióticos do plano da expressão**. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics**, n. 8, 1960.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, p. 39-59, 2014.

Submetido em 16 de novembro de 2022.

Aceito em 28 de dezembro de 2022.